



CURSO DE PSICOLOGIA

ESTER DIAS MARTINS

**RELAÇÕES FAMILIARES EM ISOLAMENTO SOCIAL: UM ESTUDO ANALÍTICO
COMPORTAMENTAL SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER.**

FORTALEZA

2022

ESTER DIAS MARTINS

**RELAÇÕES FAMILIARES EM ISOLAMENTO SOCIAL: UM ESTUDO ANALÍTICO
COMPORTAMENTAL SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Psicologia pela Faculdade Ari de Sá.

Orientador: Prof. Tiago de Oliveira
Magalhães

Aprovado(a) em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Dr. Tiago de Oliveira Magalhães
Faculdade Ari de Sá

Prof. Me. Dr. Daniel Barsi Lopes
Faculdade Ari de Sá

Prof. Me. Dr. Bárbara Barbosa Nepomuceno
Faculdade Ari de Sá

RELAÇÕES FAMILIARES EM ISOLAMENTO SOCIAL: UM ESTUDO ANALÍTICO COMPORTAMENTAL SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER.

Ester Dias Martins

Tiago Magalhães

RESUMO

As relações familiares no contexto da pandemia de Covid-19 se tornaram um grande desafio de convivência, levando alguns casos ao esgotamento físico e mental, visto que o isolamento social foi um marco histórico para toda população, onde todos tiveram que se readaptar ao novo contexto. Deste modo, o artigo apresenta como hipótese o recrudescimento de conflitos familiares a partir da experiência do isolamento social em decorrência da pandemia da Covid-19, com efeitos sobre a saúde mental dos membros da família. O objetivo geral do estudo foi analisar os impactos causados na saúde mental das mulheres ocorridas no isolamento social do contexto da Pandemia Covid-19. Trata-se ainda de uma revisão de literatura com caráter narrativo, de cunho qualitativo com análise de conteúdo. Como resultados, aponta-se para a participação da Psicologia em pesquisas relacionadas às discussões da contextualização do isolamento social, bem como os impactos na rotina doméstica e nas relações familiares, com consequência os impactos da pandemia no contexto da violência doméstica e com margem no referencial teórico baseado na análise do comportamento.

Palavras-chave: Isolamento Social. Relações Familiares. Covid-19. Saúde mental. Violência Doméstica. Análise do Comportamento.

ABSTRACT

Family relationships in the context of the Covid-19 pandemic have become a great challenge of coexistence, leading some cases to physical and mental exhaustion, since social isolation was a historic milestone for the entire population, where everyone had to readapt to the new context. . In this way, the article presents as a hypothesis the resurgence of family conflicts from the experience of social isolation as a result of the Covid-19 pandemic, with effects on the mental health of family members. The general objective of the study was to analyze the impacts on the mental health of women that occurred in the social isolation of the context of the Covid-19 Pandemic. It is also a literature review with a narrative character, of a qualitative nature with content analysis. As a result, it points to the participation of Psychology in research related to discussions of the contextualization of social isolation, as well as the impacts on domestic routine and family relationships, with a consequence the impacts of the pandemic in the context of domestic violence and with a margin in the reference theory based on behavior analysis.

Keywords: Social Isolation. Family relationships. Covid-19. Mental health. Domestic violence. Behavior Analysis.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Faculdade Ari de Sá
Gerada automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M379r Martins, Ester.

Relações familiares em isolamento social: um estudo analítico comportamental sobre a violência contra a mulher. / Ester Martins. – 2022.

17 f.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Ari de Sá, Curso de Psicologia, Fortaleza, 2022.

Orientação: Prof. Dr. Tiago de Oliveira Magalhães .

1. Isolamento social. 2. Relações familiares . 3. Covid-19. 4. Saúde Mental . 5. Violência Doméstica . I. Título.

CDD 150

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como principal objetivo analisar a hipótese de recrudescimento da violência doméstica a partir da experiência do isolamento social com efeitos sobre a saúde mental dos membros da família. A violência contra a mulher é algo cultural e enraizado na nossa sociedade, combater esse tipo de agressão seja ela tanto física, quanto psicológica, moral, sexual e patrimonial é algo constante na vida das mulheres (OKABAYASHI; TASSARA; CASACA; FALCÃO; BELLINI, 2021).

Nesse novo contexto que estamos vivendo de pandemia, resultou em um aumento gigantesco desses conflitos, onde a violência doméstica contra a mulher é um problema de saúde pública que tem como consequência mais grave o feminicídio. Define-se violência contra a mulher como sendo qualquer ato violento baseado no gênero que resulte, ou possa resultar, em danos psicológicos, sexuais ou físicos, ou sofrimento da mulher, incluindo ameaças de tais atos, coerção ou privação arbitrária da liberdade, caso ocorra na vida pública ou privada (OKABAYASHI; TASSARA; CASACA; FALCÃO; BELLINI, 2021).

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) considerou a COVID-19 como uma pandemia, significando que a disseminação do vírus é mundial. A partir do momento que essa doença passa a preocupar não só uma nação e sim o mundo inteiro, medidas de prevenção devem ser tomadas rigorosamente para a proteção dos indivíduos. A OMS recomenda que os governos estimulem a quarentena, o distanciamento social e conseqüentemente o isolamento durante um período até onde a doença possa estar controlada novamente (OPAS, 2021).

Quando a doença não está sendo controlada, medidas ainda mais rigorosas devem ser tomadas, como o *lockdown*, um protocolo de isolamento total, onde só funcionam serviços essenciais, como farmácias, hospitais, bancos, a fim de controlar a disseminação do vírus e reduzir o número de mortes. Contudo, com essas medidas mais rigorosas, tem-se um aumento na proliferação de sofrimento psíquico e social, devido à restrição de contato físico com outras pessoas (ALBUQUERQUE, 2021). De acordo com esse novo contexto que estamos vivendo, a estruturação familiar, social, econômica, teve que ser modificada. A sociedade passou a encontrar novas formas de se relacionar com as pessoas, novas formas de trabalhar, novas formas de se portar na sociedade diante dessa nova circunstância.

Nesses tempos tão difíceis, falar de saúde mental é algo imprescindível, pois o contexto que a população está vivendo causa preocupação de como essas pessoas estão lidando com essa convivência. Os números referentes à violência doméstica aumentaram consideravelmente, muitos casamentos acabaram, muitas brigas entre pais e filhos foram acirradas. Esse aumento da violência doméstica não ocorreu exclusivamente no Brasil, ela cresceu significativamente em outros países que foram duramente afetados pela pandemia.

Na Itália, segundo epicentro global da pandemia, verificou-se que de 1º a 18 de abril houve um aumento de 161% de ligações e contatos para relatar episódios de violência doméstica e pedir ajuda para uma central italiana antiviolência (PICCINI; ARAÚJO, 2020, s/n).

Quando o indivíduo passa a se isolar, ele tem que achar meios de se adaptar à situação e conseqüentemente com as pessoas com quem divide a mesma moradia. A convivência se intensifica, gerando aumento de conflitos ou aproximação dos parentes. Visto que a pandemia vem desencadeando uma série de alterações bruscas, que geram estresse e tensão nas pessoas, crianças e adolescentes também são afetados e não sabem lidar com as mudanças. Os pais se sentem sobrecarregados para ter que de alguma forma cuidar da sua saúde mental e da saúde mental dos seus filhos (FIOCRUZ, 2021).

Todos nós temos um papel na configuração da nossa família e quanto mais importante for esse papel, mais tempo dedicará a ele, mais pressões serão exigidas para desempenhar tal função. No contexto da pandemia, muitos casais tiveram que redobrar as suas obrigações, ficando muito mais difícil conciliar trabalho e família. As atividades domésticas se intensificaram, escolas e universidades passaram a adotar o modelo remoto e os encontros sociais passaram a ser feitos à distância por chamadas de vídeo. Uma série de mudanças começaram a se instalar na convivência familiar (LEMOS; BARBOSA; MONZATO, 2020).

Conseqüentemente, as tensões aumentam e com elas o descontrole de ações que antes não eram instaladas no ambiente familiar justamente pelo contexto que não

estavam sendo vividos, onde a pandemia desencadeou uma série de alterações hormonais e crises de estresses principalmente no laço entre casais.

Esse artigo tem como base investigar o acúmulo de adoecimento psíquico que levaram esses parceiros a praticarem a violência doméstica voltado ao olhar da psicologia analítico-comportamental. Tem como referencial teórico a análise do comportamento, que é uma abordagem da psicologia onde se estuda processos e relações, onde compreender isso é muito importante para explicar muitas de nossas emoções e sentimentos (COUTO; DITTRICH, 2017, p. 147-158).

Levando a compreender o amplo repertório comportamental humano analisando suas interações sociais e evolução das culturas, a aplicação da AC consiste em empregar princípios comportamentais para promover alterações nas condições que envolvem as respostas das pessoas, no comportamento.

Baseado nisso o feminismo é uma teoria política de movimento social, onde tem como influência revisar as formas de analisar o comportamento humano, onde esse estudo volta a apontar em termos comportamentais, um conjunto de contingências que são encorajadas ou permissivas com práticas violentas e por um conjunto de classes de comportamentos sexualmente abusivos, dos mais sutis ao mais severos, que ocorrem no contexto patriarcal.

2 METODOLOGIA

A revisão narrativa apresenta uma categoria de artigos que têm um papel fundamental para a educação continuada, pois permitem ao leitor adquirir e atualizar o conhecimento sobre uma temática específica em curto espaço de tempo; porém não possuem metodologia que permitam a reprodução dos dados e nem fornecem respostas quantitativas para questões específicas, ou seja, ela se caracteriza de forma qualitativa (ROTHER, 2021).

Para se fazer uma revisão de literatura com caráter narrativo, é preciso delimitar algumas metas, como por exemplo, caracterizar conceitos a partir do tema que foi escolhido, como a contextualização histórica. Passa-se então para a coleta do material, onde fontes bibliográficas terão que fazer sentido ao objeto de estudo do artigo. Por fim, parte-se para interpretação e discussão do material coletado (ROTHER, 2021).

No presente artigo temos como descritores o isolamento social, as relações familiares, a pandemia de covid-19, saúde mental, violência doméstica, feminismo e análise do comportamento. Já os critérios de inclusão são artigos publicados de março de 2020 até janeiro de 2021, em língua portuguesa, disponíveis na íntegra e gratuitamente. Foram utilizadas as plataformas do google acadêmico, *scientific electronic library online* - scielo, biblioteca nacional e biblioteca eletrônica da fapesp. Enquadram-se nos critérios de exclusão artigos que referem realidades específicas como autismo, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, entre outras.

Partindo da ideia que o tema escolhido para a elaboração do artigo é de uma informação atual, os estudos escolhidos se restringiram aos anos de 2020 e 2021, com os assuntos focados nas relações familiares, voltado a violência doméstica no contexto do isolamento social da covid-19.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Impactos na rotina doméstica e nas relações familiares

Diante das medidas que tinham como objetivo o isolamento social e o aumento significativo do tempo em domicílio, observou-se que grande parte dos indivíduos tiveram de enfrentar questões relacionadas ao convívio familiar, fator que contribuiu para o surgimento de conflitos e questões intrafamiliares adversas. Ressalta-se que, em um contexto prévio à pandemia, ou seja, antes das alterações que modificaram todo o contexto das relações sociais, grande parte dos indivíduos exerciam a grande maioria de suas atividades distantes dos demais membros da família, todavia, ao surgir o contexto pandêmico, tal condição tornou-se inviável (TOALDO; OLIVEIRA, 2021).

Modificar sua rotina, seus afazeres, tentar achar meios que se conectem com outras pessoas, focar no trabalho e lidar com a situação caótica do mundo é muito desgastante. A pressão para “ficar bem” e conseguir lidar com tudo é adoecedora (FIOCRUZ, 2020).

Medidas de recriar uma rotina que se estava acostumado a encarar foram tomadas, como o exemplo de não passar o dia de pijama ou de dizer aos filhos que eles não estavam de férias, criar um cronograma com horários durante o dia para

tornar a semana mais organizada e não cair na tentação da procrastinação, foram meios de enfrentamento também para as famílias, que para alguns lares tiveram êxito e para outros tiveram dificuldades (FIOCRUZ, 2020).

Por fim, diante dos fatos supracitados, observa-se que diante do contexto conturbado da pandemia da Covid-19 e toda a carga emocional pejorativa associada, os contextos familiares sofreram severas repercussões atreladas aos mecanismos que outrora permeavam as relações entre pais e filhos, cônjuges e demais membros da família. Além disso, observa-se que durante a progressão da pandemia e o consequente aumento na severidade dos decretos, o ambiente familiar se tornou um fator potencialmente estressor, uma vez que muitas atividades associadas ao contexto dos indivíduos antes da restrição social tiveram de ser drasticamente adaptadas e/ou interrompidas (FIOCRUZ, 2020).

Levando em consideração todo o contexto que o mundo estava passando, entender seus sentimentos, as sensações que viam a tona, o medo, porque tal pessoa estava fazendo tal atitude ajudava o ser humano a compreender que tudo aquilo que ele estava sentindo tinha coerência, afinal o mundo inteiro estava passando por um fato histórico, a aplicação da análise do comportamento nesse cenário consiste em empregar princípios comportamentais, para analisar alterações nas condições que envolvem respostas das pessoas, no comportamento, pode-se explicar tais atitudes de agressividade ou de alto teor de estresse, pois nessas condições de um convívio mais intensivo o uso de controle aversivo, punições, reforçamento negativo, vai se tornar mais frequente na aversividade dos estímulos. O controle aversivo refere-se à mudança de comportamento que costuma se dar por um reforço negativo. Isso porque, há uma punição a partir da frequência de determinado comportamento, ou seja, se após repetir um comportamento, há algum tipo de reforço, a atitude permanece. Logo, se há uma punição, o comportamento cessa. Dessa forma, há um controle do comportamento (DITTRICH; SILVEIRA, 2015, p.17-45).

3.2 Violência doméstica contra a mulher na pandemia: estratégias de enfrentamento divulgadas pelas mídias digitais.

O isolamento social levou à intensificação do convívio, provocando as possibilidades de conflitos interpessoais e conseqüentemente os desgastes familiares, onde o “status” do homem culturalmente conhecido como provedor foi fortalecido. Muitas mulheres ficaram desempregadas durante a pandemia, por conta da instabilidade financeira que o mundo estava passando, levando a muitas parceiras se tornarem dependentes economicamente de seus companheiros. O problema disso é que a partir do momento que o parceiro projeta em si uma posse dominante da sua parceira, ele acredita que pode controlar tudo, até a sua liberdade, podendo ter como consequência a violência intrafamiliar como mecanismo de reafirmação do poder masculino (FORNARI; LOURENÇO; OLIVEIRA; SANTOS; MENEGATTI; FONSECA, 2022).

Muitas mulheres se sentiram sobrecarregadas durante o isolamento, pois tiveram que redobrar seus afazeres domésticos e de cuidados com as crianças. O confinamento deixou a sua rede relacional de apoio muito restrita, como família, comunidade, trabalho, o que dificultou as possibilidades de identificação e enfrentamento do problema da violência, levando a vítima a passar 24 horas com o seu agressor, então como ela iria pedir ajuda, se ele estava sempre por perto? Quem ela iria visitar, se o mundo estava sofrendo uma pandemia? As medidas de solucionar seu problema se tornaram quase impossíveis e procurar forças para acabar com tal violência se tornou um grande desafio (FORNARI; LOURENÇO; OLIVEIRA; SANTOS; MENEGATTI; FONSECA, 2022).

A pandemia aumentou a vulnerabilidade das mulheres à violência doméstica, que já é um fenômeno historicamente conhecido e que potencializa diversas consequências sérias e irredutíveis tanto físicas, emocionais e sociais para toda a família. Com o início do isolamento social, as pessoas tiveram que adotar novas medidas de comunicação e as redes sociais entraram intensamente nessa nova realidade. Foi a partir delas que as mulheres conseguiram divulgar, ainda que de forma limitada, o que estava acontecendo na sua vida (FORNARI; LOURENÇO; OLIVEIRA; SANTOS; MENEGATTI; FONSECA, 2022).

Com o aumento do uso da internet no contexto do isolamento social, a única válvula de escape que as vítimas tinham era o uso do celular, buscando ajuda de

alguma forma, se conectando com as suas pessoas de confiança, onde o agravamento desse tipo de violência que ela estava sofrendo gerou necessidade de multiplicação das estratégias de enfrentamento, redes sociais como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, foram os canais de comunicação onde essas mulheres podiam expressar o que estava acontecendo com elas e também alertar a quem estava sofrendo tal violência que ela não estava sozinha, as mídias sociais nesse quesito serviram como centro de apoio e acolhimento para todas as vítimas (FORNARI; LOURENÇO; OLIVEIRA; SANTOS; MENEGATTI; FONSECA, 2022).

Nossa sociedade ainda tem muitos estigmas e tabus que precisam ser quebrados, o patriarcado sustentou uma ideia de que o homem tem que ser a “cabeça” da casa e a mulher submissa a ele, levando a entender que em brigas, a esposa deve abaixar a cabeça e concordar e o esposo leva o mérito total como o certo da situação. Sem contar que isso repercute na sociedade inteira e exemplificando o que prejudicou a vida de uma mulher que estava sofrendo violência doméstica, seria o vizinho que continua na linha de raciocínio “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher” (FORNARI; LOURENÇO; OLIVEIRA; SANTOS; MENEGATTI; FONSECA, 2022).

Um pensamento muito ultrapassado e preocupante, pois se o vizinho está conspirando e compactuando com tal tipo de agressão, ele se torna um cúmplice, por não denunciar o agressor e isso dificulta ainda mais a solucionar e investigar as denúncias que ocorrem diariamente (FORNARI; LOURENÇO; OLIVEIRA; SANTOS; MENEGATTI; FONSECA, 2022).

3.3 Violência contra a mulher e feminicídio no Brasil - impacto do isolamento social pela COVID-19.

Falar sobre violência contra a mulher, é falar sobre desigualdade social, visto que a maioria dos casos de feminicídio ocorrem com mulheres humildes, não brancas, jovens, de baixa escolaridade e que vivem em espaço urbano e sem segurança pública eficaz, onde existe uma falta de amparo do sistema de saúde, sistema de justiça, segurança pública. As vítimas dessa tal violência ficam com sequelas irreduzíveis, o que repercute diretamente em sua autonomia, já que qualquer tipo de violência leva ao retrocesso tanto na sua rotina profissional quanto pessoal, diminuindo a sua produtividade, o que leva a dependerem ainda mais de seus

agressores, comprometendo a sua soberania o que torna um problema social (OKABAYASHI; TASSARA; CASACA; FALCÃO; BELLINI, 2021).

A configuração familiar é algo que também repercute nessas consequências diante de tal violência, pois o ambiente em que a família convive é baseado em trocas afetivas e de fortalecimento de laços. Os filhos, por meio da modelação, tendem a reproduzir os modelos recebidos dos pais, ou seja, uma pessoa que vem de um núcleo familiar que oferece suporte tende a repetir esse comportamento. Já um núcleo que não oferece suporte aos filhos, tende a gerar padrões menos funcionais de comportamento, que podem levar à baixa autoestima e ao sofrimento psicológico considerados patológicos, como os característicos da depressão, da ansiedade e do transtorno do estresse pós-traumático. Quando a criança ou o adolescente convive com esse lar altamente doentio, quem adoece não é somente a vítima que está sofrendo essa violência, mas sim o ambiente familiar como um todo (OKABAYASHI; TASSARA; CASACA; FALCÃO; BELLINI, 2021).

Com isso, para escapar-se um pouco dessa realidade, a vítima e seus agregados procuram uma fuga temporária, que potencializa o aumento do consumo de drogas lícitas e ilícitas entram, ainda mais quando se trata do contexto onde estamos vivendo, em plena pandemia, onde as angústias vêm à tona e as incertezas se intensificam (OKABAYASHI; TASSARA; CASACA; FALCÃO; BELLINI, 2021).

3.4 Feminismo e análise do comportamento: caminhos para o diálogo

O feminismo nada mais é que a tomada de consciência das mulheres, como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração a que foram submetidas e pré-julgadas como objeto sexual e de submissão por parte do coletivo dos homens. À luz da Análise do Comportamento, entende-se que qualquer tipo de violência não é algo biologicamente determinado e, sim, é de fato uma expressão de práticas culturais que podem ser modificadas (COUTO; DITTRICH, 2017, p. 147-158).

Para a análise do comportamento o objeto de estudo é a relação que o indivíduo tem no contexto que ele está inserido, ou seja, as consequências que as respostas costumam produzir são as variáveis mais importantes para entender porque as pessoas agem. Analisar o isolamento social diante dessa perspectiva trouxe muitos resultados, pois o indivíduo ficou totalmente fora da sua zona de conforto e em um

ambiente altamente novo, fazendo com que seus comportamentos fossem alterados (DITTRICH; SILVEIRA, 2015, p.17-45).

Nossa sociedade é culturalmente interligada ao repertório patriarcal, onde o machismo e o sexismo prevalecem desde os primórdios. Analisando por uma perspectiva analítico-comportamental, crenças, valores e atitudes são entendidos por meio de conceitos pertencentes ao âmbito dos comportamentos, isto é, o campo das ações dos indivíduos em contextos específicos (DITTRICH; SILVEIRA, 2015, p.17-45).

Quando a frequência da resposta aumenta, se denomina o processo de reforço e quando ela diminui, chama-se de punição. Quando classificamos uma relação comportamental com as palavras positivo ou negativo, estamos apenas descrevendo um aspecto dessa relação, em alguns casos as contingências podem variar bastante, há um controle por pura violência física, consistindo apenas de reforçamento negativo, sem o acréscimo de consequências reforçadoras positivas, em outros, os reforços positivos podem ser usados de formas perversas para desenvolver e manter o padrão de submissão (COUTO; DITTRICH, 2017, p. 147-158).

na violência doméstica, o agressor, quando passa a punir a vítima, acrescentando coisas ao ambiente, seja de forma agressiva com contatos físicos ou de forma manipuladora como a agressão psicológica, aplica o que chamamos de punição positiva. O reforço positivo também pode ser usado como forma de violência. Nesses casos, muitas vezes, são a vítima é privada estímulos (contato com outras pessoas, produtos relevantes para a vítima etc.) que estão relacionados a direitos básicos e que são usados como reforçadores das respostas de submissão. Reforço negativo, por exemplo, seria a vítima obedecer ao marido para não apanhar. (COUTO; DITTRICH, 2017, p. 147-158).

Partindo do pressuposto de querer algo em troca já se torna uma relação abusiva, onde a mulher passa a ser submissa ao seu companheiro, anulando o seu direito de ir e vir, de tomar decisões por si mesma, fazendo com que ela aprenda que, se ela se expuser a um estímulo aversivo, vai obter uma consequência reforçadora posteriormente.

O seguimento de regras é muito comum em nossas vidas, ele sempre vem acompanhado de preceitos, onde esses preceitos dizem o que fazer para produzir certos tipos de resultados. Outras formas de aprendizagem incluem, por exemplo, modelagem, em que uma consequência é apresentada quando ocorrem certas modificações na resposta, até que um novo comportamento seja instalado. A dominação masculina sempre foi muito presente na sociedade onde ditar essas regras se tornaram uma responsabilidade dos homens, desfavorecendo o poder de fala e de direitos das mulheres (DITTRICH; SILVEIRA, 2015, p.17-45).

Um exemplo disso seria na criação de meninos e meninas. Pode parecer algo sem importância, mas os meninos são encorajados a relacionar-se com brinquedos, filmes e livros que permitem a aprendizagem de classes de comportamentos como tomar iniciativa, arriscar-se, agredir o oponente; enquanto as meninas, costumam ser expostas a uma infinidade de contingências referentes ao aprendizado de habilidades de cuidado em relação aos outros e a si mesma (FREITAS; MORAIS, 2018, s/n).

A modelagem ocorre naturalmente nas nossas vidas, mas pode ser planejada por outra pessoa para selecionar algum repertório esperado, por exemplo, o esposo sempre chega com um buquê de flores em casa depois de pedir para a esposa fazer alguma atividade sua, como por exemplo lavar uma louça e à medida que o esposo vai apresentando as consequências para o comportamento desejado, como ficar em silêncio, obedecendo aos comandos dele, assim o comportamento desejado torna-se instalado, mantido por suas consequências cotidianas. A modelação, a modelagem e as regras se combinam, resultando no que chamamos de aprendizagem. São nesses pequenos aprendizados que o processo de modelagem, de modelação e as regras se tornam presentes e conseqüentemente a frequência dessas ações perpetuam para uma sociedade que dita que homens possuem um poder sobre as mulheres, ainda que haja exceções (DITTRICH; SILVEIRA, 2015, p.17-45).

O agressor pode estar relacionado verbalmente a estímulos reforçadores, uma vez que a comunidade verbal ensina que “maridos querem o melhor para suas esposas” ou que “família é o que há de mais sagrado na Terra”. Em termos comportamentais, o agressor puniria respostas de ajudar a vítima, isso ajuda com que ele próprio evite punições futuras, uma vez que o suporte da rede de apoio se mostrou efetivo em propiciar que a vítima fale sobre o processo de denúncias, podemos relacionar isso ao nível cultural de seleção por consequência, onde características comportamentais que favorecem a sobrevivência e a reprodução dos membros de uma espécie tendem a ser selecionadas simplesmente porque permitem a sobrevivência e a reprodução, culturas têm histórias particulares de interação com seus ambientes, que explicam o surgimento, a manutenção ou o desaparecimento de suas práticas (DITTRICH; SILVEIRA, 2015, p.17-45).

Analistas do comportamento (Couto, 2017; Ruiz, 2003) entendem que gênero não deveria ser interpretado como uma característica do indivíduo, uma instância interna, seja ela biológica ou mental. Em suma, enquanto comportamentos de

omissão dos observadores são reforçados negativamente por evitar o conflito e positivamente pela comunidade verbal que reverbera papéis de gênero, o comportamento do agressor raramente é punido, já que observadores frequentemente não intervêm (DITTRICH; SILVEIRA, 2015, p.17-45).

É importante salientar que grande parte das variações relevantes ao estímulo violento do agressor está no contexto cultural em que tanto o autor da agressão como a pessoa que foi agredida, além de todos à sua voltam se inserem. Práticas culturais aparentemente inofensivas, repercute para a contribuição nos papéis de gênero e dominação e submissão, enquanto a aceitação dessas práticas violentas e abusivas contribuem para a manutenção da violência doméstica contra a mulher em diversos graus.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que as evidências do sofrimento psíquico ocasionado devido ao isolamento social de Covid-19 perpetuam pelo cotidiano e trazem sequelas para a sociedade, principalmente boa parte das mulheres, que durante esse episódio tiveram traumas que não estavam preparadas. Por mais que a violência doméstica seja uma prática enraizada devido ao patriarcado, na questão do contexto do afastamento das atividades rotineiras e do convívio com outras pessoas, esse ato foi mais acessível devido a uma série de gatilhos gerados, acesso de estresse e de uma cultura machista e agressiva que aflorou ainda mais nesse cenário.

Acredita-se que a pandemia de Covid-19, além de dar visibilidade às necessidades em saúde da população, também revela a importância de investimentos e avanços na área de atenção à violência contra a mulher, que, apesar de ser um tema bastante discutido na sociedade, tornou-se ainda mais pertinente e evidente nessa crise sanitária.

A análise do comportamento agrega conhecimento no movimento feminista, levando ao ser humano a se questionar os valores por trás de suas próprias práticas de produção de conhecimento, em busca de uma ciência que rompa com os modos de servir ao status e que nos permita disseminar os métodos de análise dos controles aos quais estamos, enquanto seres humanos, submetidos no seio de sociedades desiguais.

5 REFERÊNCIAS

COUTO, Aline Guimarães; DITTRICH, Alexandre. **Feminismo e análise do comportamento: caminhos para o diálogo**. Perspectivas em Análise do Comportamento, v. 8, n. 2, p. 147-158, 10 out. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.18761/pac.2016.047>. Acesso em: 21 maio 2022.

DITTRICH, Alexandre; SILVEIRA; J. M. **Uma introdução ao Behaviorismo e à análise do comportamento: da teoria à prática**. Compreendendo a prática do analista do comportamento. 1º ed. São Carlos/ SP: EdUFSCar, 2015, v.,p. 17-45.

FIOCRUZ. **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: violência doméstica e familiar na COVID-19**. Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz, 2021.

GUIZZO, Bianca Salazar; Marcello, Fabiana de Amorim; Müller, Fernanda. **A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia**. Educação e Pesquisa, vol. 46, e238077, 2020.

Fornari LF, Lourenço RG, Oliveira RNG, Santos DLA, Menegatti MS, Fonseca RMGS. **Domestic violence against women amidst the pandemic: coping strategies disseminated by digital media**. Revista Brasileira de Enfermagem. 2021.

FREITAS, J.C.C; MORAIS, A.O. **Cultura do estupro: considerações sobre violência sexual, feminismo e Análise do Comportamento**. Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis del Comportamiento. Vol 27, N. 1, 2019.

LEMOS, A. H. C; BARBOSA, A. O.; MONZATO, P. P. **Mulheres em Home Office Durante a Pandemia da Covid-19 e as Configurações do Conflito Trabalho-Família**. Revista de Administração de Empresas, v. 60, n. 6, p. 388-399, 2020.

OPAS. **Histórico da pandemia de COVID-19**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 07 abr. 2021.

ALBUQUERQUE, Rodolfo Pires de. **Como surgiu o coronavírus e como afeta a população mundial**. Disponível em: <https://www.gndi.com.br/saude/blog-da-saude/como-surgiu-o-coronavirus>. Acesso em: 07 abr. 2021.

PICCINI, Ana; ARAÚJO, Tiago. **Violência Doméstica no Brasil: desafios do isolamento**. 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/violencia-domestica-no-brasil/>. Acesso em: 30 mai. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fiocruz. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19**. Violência Doméstica e Familiar na COVID-19. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2020.

VOGEL, Andrea. Um breve histórico da Terapia Familiar Sistêmica. **Igt na Rede**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 14, p. 116-129, jul. 2011.

LEMOS, Ana Heloisa da Costa; BARBOSA, Alane de Oliveira; MONZATO, Priscila Pinheiro. **Mulheres em home office durante a pandemia da covid-19 e as**

configurações do conflito trabalho-família. **Revista de Administração de Empresas**, Rio de Janeiro, v. 60, n. 6, p. 388-399, 21 jul. 2020.

ROTHER, Edna Terezinha. **Revisão sistemática X revisão narrativa**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/?lang=pt>. Acesso em: 28 nov. 2021.

TOALDO, Adriane Medianeira; OLIVEIRA, Fernanda Rech de. **Mediação familiar: novo desafio do Direito de Família contemporâneo**. 2011. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-processual-civil/mediacao-familiar-novo-desafio-do-direito-de-familia-contemporaneo/>. Acesso em: 30 mai. 2021.